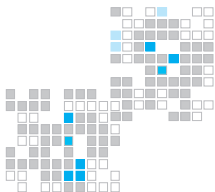


ESCOLA LATINO-AMERICANA DE COMUNICAÇÃO: EQUÍVOCO TEÓRICO E POLÍTICO



Luiz C. Martino

- Doutor em Sociologia pela Sorbonne, Paris V.
Professor da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB), pesquisador do CNPq.
- Email: martino@unb.br



RESUMO

O presente artigo analisa a fundamentação teórica da escola latino-americana de comunicação. Traça as linhas gerais de sua emergência e critica a idéia de sua caracterização pela incorporação das condições estruturais do subdesenvolvimento na análise da ação dos meios. Também analisa criticamente a tese de que o subdesenvolvimento proporcionaria uma vantagem epistemológica. Procura refletir sobre a influência dessa visão sobre a produção teórica e os equívocos da oposição entre teoria e política.

PALAVRAS-CHAVE: ESCOLA LATINO-AMERICANA DE COMUNICAÇÃO, CAMPO COMUNICACIONAL, INTERDISCIPLINARIDADE, TEORIA DA COMUNICAÇÃO.

ABSTRACT

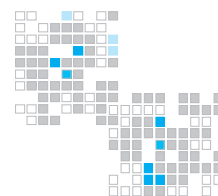
This article analyzes the theoretical basis of the Latin American school of communication, introducing its emergence and criticizing its characterization through the incorporation of the structural conditions of the underdevelopment in the analysis of mass media action. In addition, the article probes into the thesis according to which underdevelopment provides an epistemological advantage. The article discusses the influence of this view on the theoretical production and the problems resulting from the opposition of theory and politics.

KEYWORDS: LATIN AMERICAN SCHOOL OF COMMUNICATION, COMMUNICATIONS FIELD, INTERDISCIPLINARITY, COMMUNICATION THEORY.

RESUMEN

El presente artículo analiza las bases teóricas de la escuela latinoamericana de comunicación. Remonta las líneas generales de su emergencia y critica la idea de su caracterización a través de la incorporación de las condiciones estructurales del subdesarrollo en el análisis de la acción de los medios. También analiza críticamente la tesis de que el subdesarrollo proporcionaría una ventaja epistemológica. Investiga la influencia de esta visión en la producción teórica y los errores de la oposición entre la teoría y la política.

PALABRAS CLAVES: ESCUELA LATINO-AMERICANA DE COMUNICACIÓN, CAMPO COMUNICACIONAL, INTERDISCIPLINARIDAD, TEORÍA DE LA COMUNICACIÓN.



Desde seu início a comunicação se instaurou como um saber voltado para o estudo dos meios e a influência que exercem na cultura. Na América Latina o debate sobre a comunicação coincide com a entrada de capital estrangeiro no setor de comunicação, particularmente com a chegada da TV e dos grandes grupos de Comunicação por volta dos anos 1960.

Tratava-se, na época, da luta política pelo reconhecimento da natureza extremamente estratégica, do ponto de vista nacional, das empresas ligadas às atividades de comunicação social (jornais, rádio, TVs, redes...). O problema de fundo era a influência estadunidense sobre o continente e tentava-se situar as intervenções empresariais dentro de um quadro mais amplo, a fim de interpretá-las como um segundo momento da colonização. Foi dessa forma que os anos 1960 se constituíram como um momento decisivo para a produção do pensamento comunicacional latino-americano, que se instaurou como uma forte reação contra a introdução e a livre ação de grupos privados no setor de comunicação de massa.

Dentro desse quadro, o problema teórico que se apresentava era de explicitar as técnicas e métodos empregados neste processo de dominação política. A prática da denúncia acabaria sendo o objetivo imediato de grande parte da produção teórica dessa época e o estatuto do saber comunicacional parecia estar intimamente ligado ao da *práxis* política, se confundindo com a militância política (Berger, 1999).

Alguns marcos objetivos nos ajudam a balizar o processo, tal como a fundação da primeira escola de jornalismo do continente sul-americano, que remonta a 1934 (Universidad de La Plata, Argentina); a regulamentação da profissão, com a obrigatoriedade do diploma universitário (1969, no Brasil) ou a formação dos primeiros cursos de pós-graduação (1972, na Universidade de São Paulo e na Universidade Federal do Rio de Janeiro).

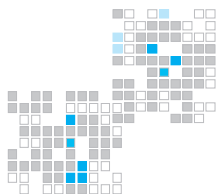
Tudo isso indica a preocupação da região com seus sistemas de circulação de informação. Mas é a partir do final dos anos 1960 que a produção teórica latino-americana começa a ganhar volume e a se desmarcar da influência estadunidense para alcançar um perfil próprio, o que vai despertar a questão sobre sua caracterização e originalidade.

Um momento importante desta história se encontra na iniciativa da Unesco de promover o desenvolvimento dos meios de comunicação de massa no mundo, criando dois centros de estudos para a formação de jornalistas. Um na França, em 1957, (Instituto Universitário de Estrasburgo) e outro em Quito, no Equador. A criação do Ciespal - Centro Latinoamericano de Enseñanza Superior de Periodismo, em 1959, foi um marco decisivo. Sob seus auspícios a pesquisa se desenvolve e a comunicação social começa a tomar os contornos de uma área de conhecimento. Na mesma época foi fundado o Instituto Venezuelano de Investigaciones de Prensa (1959) com uma orientação filosófica francamente diferente. O confronto dessas duas tendências se faria sentir em 1973, quando da primeira reunião dos pesquisadores em comunicação realizado na Costa Rica. O Ciespal foi então duramente criticado, visto como um ponto de apoio à política de intervenção dos Estados Unidos no continente. Esta data também marca um redirecionamento de suas atividades e coincide com a emergência de uma escola latino-americana.

Christa Berger (2001) resume muito bem a singularidade desse movimento assinalando que

É entre o final dos anos 60 e início dos 70 que se inaugura uma reflexão efetivamente latino-americana sobre a comunicação, pois *as condições estruturais do subdesenvolvimento passam a ser consideradas e incorporadas na análise dos meios* [grifos nossos].

Como outros investigadores – e não obstante o reconhecimento da debilidade teórica da pro-



dução desta época –, ela aponta a relação visceral entre a teoria comunicacional e a atividade política como o traço mais característico da reflexão latino-americana, sendo nítida a supremacia dos aspectos político-econômicos em detrimento dos elementos comunicacionais.

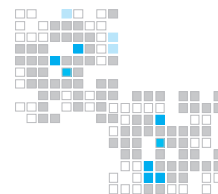
A própria crítica feita ao Ciespal – reação que desperta o pensamento latino-americano – se concentrava na alegação de tratar-se de um centro de importação de teorias estrangeiras, portanto, não adaptadas à realidade do terceiro mundo (Beltrán, 1985). É curioso notar que esta crítica aos modelos estrangeiros se deu sob a influência de um modelo não menos estrangeiro, o marxismo. Também é curioso que a proveniência geográfica de uma teoria tenha sido usada como argumento (aliás, nada convincente) no plano da discussão científica. Mas a afirmação mais importante (e a única que vale a pena ser retida), dizia respeito à singularidade da escola latino-americana, que emergia no contraste com os modelos estrangeiros. O ponto em questão era o de saber até que ponto a incorporação das condições externas ao trabalho científico, no caso em questão, a *incorporação das condições estruturais do subdesenvolvimento*, podem efetivamente servir de critério suficiente para a constituição de uma *escola de pensamento comunicacional*. Não que estas condições não tenham valor em si mesmas, ao contrário, a referência ao contexto é um quesito básico de qualquer planejamento teórico, daí sua incorporação necessária à teoria e a razão de não poder ser o traço distintivo de uma escola, como pretendem aqueles que desejam caracterizar a “escola latino-americana” de comunicação. Tal reivindicação parece pouco razoável e deveria ser recebida com mais cuidado, embora seja uma visão corrente em nossa área.

Na verdade, a caracterização de uma escola de pensamento não é uma tarefa muito fácil. Além da variedade temática e de perspectivas possíveis, a própria indefinição da área de conhecimento

constitui um obstáculo significativo. Não se pode esquecer, ao analisar uma matéria como esta que para muitos, inclusive os partidários da tese da existência da escola latino-americana, a Comunicação é vista como um saber demasiado amplo e vago, a ponto de ser considerada apenas um campo de aplicação de teorias provenientes das diversas ciências sociais (Berger, 1991). Por conseguinte, traçar a linha que separa a comunicação de outras disciplinas – e, portanto, que identifica um dado trabalho como sendo um trabalho em comunicação – não é tarefa das mais fáceis. Estranhamente tal dificuldade parece ter agido como um antídoto em relação aos problemas epistemológicos, esconjurando os “demônios” da reflexão sobre os fundamentos teóricos, de modo que acabou funcionando como uma pseudo-liberação, dispensando qualquer tentativa de caracterizar e situar a Comunicação em relação a outros saberes (Martino, 2001; 2005). Isto permitiu que a idéia de uma “área” interdisciplinar convivesse lado a lado com a idéia de uma escola latino-americana de comunicação, reunindo dois movimentos antitéticos.

Contudo, quaisquer que sejam as razões desse paradoxo, o certo é que seus teóricos inegavelmente se afastaram da tarefa de procurar a base epistemológica sobre a qual se fundamentavam suas atividades de pesquisadores e mestres. A idéia de que a Comunicação seria *de fato* um saber infundado rapidamente avançou para o princípio de que seria “infundável”, como uma espécie de direito, ou licença, que a necessidade e a importância da análise dos processos comunicacionais lhes garantia.

Estabeleceu-se, dessa forma, uma estranha oposição entre a urgência das análises de um setor considerado estratégico e a fraqueza teórica pela qual o tema era abordado. A convicção de que a Comunicação seria um saber interdisciplinar, subalterno (por exemplo, Moragas, 1993) e submetido às determinações da economia e da política, entre outras, levou ao abandono de toda discussão epistemológica, ao mesmo tempo em que dissolvia a



discussão nos mais variados âmbitos da realidade.
Para Moragas (1985, p.9-10):

A los distintos problemas de las ciencias sociales en el terreno de los compromisos políticos e ideológicos, la investigación de la comunicación de masas añade el hecho de no ser definida, propiamente, como una disciplina, o ciencia social particular, sino de ser definida de manera horizontal, por su objeto: la comunicación de masas, propuesta y pregunta que genera históricamente una tarea científico-social específica, de amplios intereses políticos, económicos y sociales.

Mesmo autores pioneiros como Daniel Lerner e W. Schramm, que se encontram nas raízes mais antigas da influência norte-americana, já expressam esta tendência interdisciplinar. Este último, muitas vezes apontado como um dos pioneiros da reflexão epistemológica da comunicação, não hesita em admitir a redução dos problemas comunicacionais a outras esferas:

No es sorprendente hallar que las estrategias realmente básicas de comunicación para el desarrollo no constituyen del todo estrategias meramente de comunicación sino que son económicas y políticas y están profundamente arraigadas en la naturaleza de la sociedad (Schramm, 1965).

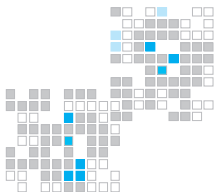
Note-se que, para as duas correntes principais, a análise comunicacional é deslocada em prol de fatores econômicos e políticos, o que representa uma maneira muito direta de se dizer que não se trata de um estudo de comunicação propriamente dito. A matriz explicativa se encontra em outros domínios. Neste caso, o que temos são estudos de economia e de política sobre processos comunicacionais (entendidos como “instrumentos” para o desenvolvimento) e não estudos de comunicação,

característicos de um certo saber particular. Trata-se simplesmente da redução da comunicação a outros fatores: os processos comunicacionais não constituem o elemento explicativo, mas algo que pode ser elucidado por elementos mais fundamentais e, por conseguinte, mais significativos. Visão que é sintetizada por Dan Schiller ao afirmar que “estudiar comunicación consiste, más bien, en elaborar argumentos sobre las formas y determinaciones del desarrollo socio-cultural como tal” (*apud* Fuentes Navarro, 2005, p.59).

Por conseguinte, embora defendam a particularidade de uma *escola de comunicação*, o saber comunicacional é subtraído de qualquer especificidade, sendo identificado com a generalidade do objeto das ciências sociais como um todo. Curiosamente, a tal dispersão da comunicação nas ciências sociais deu-se o nome de “abertura da comunicação”, quando na verdade ela simplesmente significa a mais veementemente negação de um saber comunicacional, já que a priva da principal condição necessária a sua caracterização como saber autônomo.

Festejada (por exemplo: Cambiasso, Grieco, Bavio, *apud* Amadio & Escobar, 1999) ou perdida (por exemplo: Machado, 2002), em todo caso saudada como um grande mérito dos estudos comunicacionais, tal abertura abre caminho para posições anti-teóricas em defesa de um estatuto interdisciplinar para a comunicação que chegam a fazer a apologia da indefinição como traço característico e distintivo do saber comunicacional.

Quizás sea tiempo de admitir que la pregunta sobre el estatuto epistemológico de la comunicación conduce a un callejón sin salida. (...) Que postularle un objeto de estudio privilegiado y un campo específico no hacen más que minar sus potencialidades. Tal vez en esta seminal incapacidad para definir sus coordenadas radique su fuerza. En el hecho de que requiera de múltiples disciplinas sin consustanciarse del todo



con ninguna (Cambiasso, N.; Grieco; Bavio, A. apud Amadío & Escobar, 1999).

Este viés de dispersão, que também poderia ser considerado uma verdadeira carta de demissão em relação ao compromisso com uma teoria da comunicação, foi herdado tal e qual pela “escola latino-americana”, que não operou uma crítica das teorias precursoras, nem da visão que predominava sobre a área de conhecimento, compreendida apenas como um campo estratégico para a aplicação de conhecimentos de outras áreas de conhecimento. Aliás, a consolidação da vertente de esquerda, nos anos 1970, que paulatinamente foi conseguindo se afirmar enquanto hegemônica, não representou um verdadeiro enfrentamento neste âmbito e apenas reforçou a compreensão interdisciplinar que se tinha da área. Por razões diferentes, a chamada tendência administrativa também entendia a comunicação como um espaço interdisciplinar, já que definia seu estatuto como a contribuição de diversas disciplinas (particularmente a psicologia, a sociologia e a ciência política). A convergência de tendências antagônicas sobre este mesmo ponto geraria um “efeito de realidade”, deixando a forte impressão de que a ausência de discussão vale como verdade. Afinal, não era nada fácil encontrar pontos de consenso entre as duas correntes, de modo que qualquer elemento comum poderia ser dado como certo, ainda que, na realidade, não passasse de um aspecto simplesmente impensado, como foi o caso. Para além de toda coloração ideológica e das diferentes correntes teóricas, a falta de especificidade do saber comunicacional aparecia como uma constante, imutável e imune, acima de qualquer suspeita epistemológica.

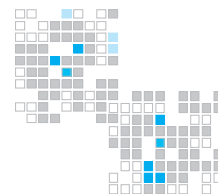
De fato, se há um traço que pode ser apontado como característico da produção latino-americana é justamente a facilidade pela qual os estudos comunicacionais absorvem problemáticas difusas, abordando temas complexos como o desenvolvi-

mento, a modernização, o multiculturalismo ou a globalização, tudo isso feito a partir de pontos de vista e conceitos igualmente amplos e variados (veja-se, por exemplo, os trabalhos de J. Martín-Barbero). A absorção de modelos estrangeiros não é um fato primordial, como parece dar importância Beltrán (1985), ele é apenas um derivado, uma consequência natural dessa atitude frente à formulação dos problemas comunicacionais. Não que a riqueza de perspectivas seja um defeito em si mesma, não se trata disto, mas que esta gran-

Se há um traço que pode ser apontado como característico da produção latino-americana é justamente a facilidade pela qual os estudos comunicacionais absorvem problemáticas difusas (...)

de versatilidade se deu às expensas da elaboração teórica. A teoria foi, e em grande medida continua sendo, o grande ponto fraco da produção latino-americana – de onde o paradoxo de classificá-la como uma *escola*.

Uma prova disso é que autores de outras disciplinas freqüentemente são apontados como pais fundadores ou como os grandes de teóricos de nossa área (Schramm, 1965). Paulo Freire, por exemplo, bastante reconhecido como pedagogo, acaba se tornando um dos quatro principais teóricos latino-americanos da comunicação (Roncagliolo, 1986; Berger, 2001), ainda que a real contribuição deste autor seja bastante discutível: sua visão humanista e filosófica da comunicação se deixa melhor expressar em uma *teologia* que toma o amor divino como fundamento e critério último da comunicação (Marques de Melo, 1999). Claro que isto só pode se dar com a entrada em cena de um conceito de comunicação com abrangência estratosférica e pouco propício à discussão científica. Não obstante, ele encontra sua versão laica em Antonio Pasquali, outro nome bastante citado



como um dos grandes teóricos. Em síntese, a “crítica” operada por estes autores se assenta na recusa dogmática de aceitar a mediação tecnológica como comunicação. Se Freire chega a se remeter a Deus, Pasquali procura desclassificar a comunicação de massa, pois para ambos, apenas uma comunicação “horizontal”, democrática, imediata e simétrica, pode e deve ser considerada comunicação. Suas análises giram em torno dessa premissa que invoca noções como “amor”, “autenticidade”, “igualda-

Para largos setores da pesquisa latino-americana a vinculação da comunicação com temas complexos não sofreu a devida revisão crítica (...)

de” e outros termos que servem para introduzir a *idéia de verdade* no âmbito da comunicação. Estes autores preparam a velha oposição entre o bem e o mal para apontar o que seria uma “verdadeira” e uma “falsa” comunicação – ou seja, a comunicação através de meios tecnológicos. Apesar de toda a fragilidade, o pressuposto de estigmatização da tecnologia e sua associação direta e mecânica com o uso de um poder central representado pelo Estado, estes autores ainda são retomados e citados quando se busca fundamentar o pensamento latino-americano.

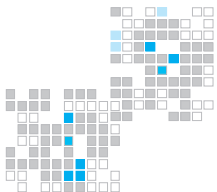
Para largos setores da pesquisa latino-americana a vinculação da comunicação com temas complexos não sofreu a devida revisão crítica, ela simplesmente foi implantada a partir de perspectivas que saltavam diretamente da teologia para a economia ou para a política. Isto porque havia uma premissa não questionada, segundo a qual a comunicação seria a chave para o desenvolvimento (mais ou menos como hoje vemos os homens políticos se revezarem na afirmação simplista de que a educação seria a salvação para nos tirar do subdesenvolvimento). Comunicação e desenvol-

vimento se encontram, assim, inextricavelmente ligados na produção intelectual dos anos 1960 e 1970 e ainda estão bastante presentes no horizonte de teóricos importantes, mas sem que os fundamentos dessa premissa básica tenham passado pelo crivo de uma análise crítica ou de uma revisão necessária.

Dessa forma, estudar a comunicação na América Latina se tornaria equivalente a encontrar as soluções para os países subdesenvolvidos, gerar modelos alternativos para o desenvolvimento do terceiro mundo ou qualquer coisa semelhante. Evidentemente, esta compreensão da problemática comunicacional não podia deixar de ter repercussões sobre a produção teórica, que se empobrece à medida mesmo que os problemas comunicacionais se dissolvem nas múltiplas facetas da realidade. Penso que é importante reconhecer que o alargamento da problemática não foi questionado pela tendência de esquerda, que operou a crítica dos modelos norte-americanos. Pelo contrário, a falta de um exame das condições de possibilidade dessa associação demasiado vaga entre economia, cultura, política e comunicação foi agravada pela tendência interdisciplinar própria à filosofia marxista e a muitos de seus interlocutores¹.

Nos anos 1990 este movimento é renovado. Para Fuentes Navarro as condições ligadas ao subdesenvolvimento (“necessidade histórica”) não apenas caracterizam, mas teriam gerado condições propícias ao saber comunicacional, uma vez que teria atenuado o efeito do processo de disciplinarização do saber. Isto teria permitido às ciências sociais latino-americanas tomarem a dianteira dos movimentos mais avançados da ciência moderna. Segundo o autor,

¹ As correntes posteriores, como a semiologia, o estruturalismo, os estudos culturais, que proliferaram nos anos 1980 e 1990, apenas prolongaram um espaço interdisciplinar já aberto pelas primeiras tendências.



a difícil e nunca consolidada constituição disciplinar do estudo da comunicação, que tantas desvantagens nos ocasionou, é precisamente a condição de possibilidade de seu novo desenvolvimento dentro do processo de estabelecimento de uma nova síntese para as ciências sociais (Fuentes Navarro, p. 64).

Desta ótica radical e inusitada, o subdesenvolvimento passa a ser uma vantagem em um mundo onde o saber teria sido corrompido pelas estruturas sócio-políticas, resultando em sua disciplinarização (conseqüência direta do capitalismo sobre a produção do conhecimento).

Não temos condições aqui de apontar os enganos embutidos nas premissas dessa leitura equivocada da história da ciência, simplesmente destacamos que são razões de ordem sócio-histórica que são invocadas para explicar a ausência de consolidação disciplinar dos estudos de comunicação. Mais uma vez o elemento epistemológico é colocado em segundo plano, reduzido e explicado por fatores de outra ordem.

Insistindo na matriz do subdesenvolvimento, a idéia da constituição de uma “escola latino-americana” de comunicação vai se afastando como a linha de um horizonte teórico jamais realizado, mas suspenso utopicamente por alicerces de uma filosofia pós-moderna da ciência (Boa-Ventura, Wallerstein), que renovam e se misturam a antigos preceitos de correntes marxistas, os quais nunca se preocuparam exatamente com os problemas comunicacionais.

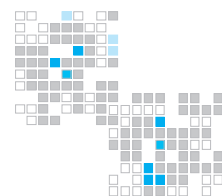
Contudo, uma leitura menos extravagante percebe que o subdesenvolvimento não compõe o elemento teórico. Ao contrário, o contexto geopolítico muito contribui para o enfraquecimento teórico da produção latino-americana e a deixou longe de uma contribuição original (o que não significa dizer que não tenha seu valor). Se a história de dominação, colonialismo e pós-colonialismo

desses países não pôde passar em branco (o combate às ditaduras que se instalaram no continente, assim como a invasão da indústria cultural estrangeira nos anos 1960-70 certamente reclamavam atitudes legítimas de indignação e luta), não podemos, no entanto, fechar os olhos para o fato de que isto se deu em detrimento do elemento propriamente teórico, que foi pronta e sistematicamente esvaziado como instrumento de resistência. Mais que isto, criou-se uma quase oposição entre política e teoria, como se as únicas formas de combate, tal como a militância e a denúncia (Berger, 1999), passassem necessariamente pela anulação da produção teórica.

Que esta tenha sido, em grande parte – mas não exclusivamente – a história do campo comunicacional em nosso continente, não significa que devamos simplesmente ignorar as confusões e equívocos que a constituem, muito menos aceitarmos sua idealização dando-lhe um status de “escola”, ainda mais quando temos em conta o rechaço à dimensão teórico-epistemológica tão claramente marcado e ainda hoje não totalmente superado.

De outra parte, é preciso analisar com cuidado as palavras pelas quais Antonio Pasquali em seu livro *El Orden Reina* sintetiza o período inicial do pensamento comunicacional, fazendo o balanço da hegemonia teórica do pensamento de esquerda em nossa área. Para ele, não há dúvida que se tratou de um fracasso. E de certo modo não seria possível negar: se o objetivo era impedir o estabelecimento da indústria cultural, é mister ter que admitir que todo o movimento de esquerda ligado à comunicação social não obteve o sucesso esperado.

De minha parte não compartilho desse diagnóstico, nem no plano político, nem no plano teórico. Primeiramente porque creio que é muito difícil se falar em derrota política, se por política entendemos a adoção da correta atitude ética frente aos fatos e aos movimentos sociais.



(...) uma leitura menos extravagante percebe que o subdesenvolvimento não compõe o elemento teórico. Ao contrário, o contexto geopolítico muito contribui para o enfraquecimento teórico da produção latino-americana (...)

Ainda que os acontecimentos possam frustrar ou contradizer nossas expectativas, o sentimento de serenidade proporcionada pela atitude ética não é e nem pode ser anulada pelo desfecho dos acontecimentos. Se nos desembaraçamos da idéia de que os resultados são a medida e o critério de avaliação de nossas práticas, a política passa a ser vivida como uma atitude, e nesse sentido ela não é um jogo, nem uma guerra. Tal compreensão nos permite dizer que não há e nem pode haver propriamente derrota, pois, se existe na política uma dimensão de jogo ou guerra, ela também se instaura como um desafio de cada um para consigo mesmo e não apenas em relação aos fatos, os quais, em última instância, seguem seu curso. Seria muita pretensão poder achar que os controlamos, mesmo se isto apareça sob a forma da responsabilidade ou, *a posteriori*, sob a forma da mea-culpa.

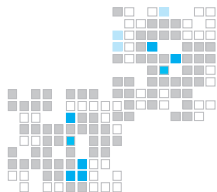
Longe de ter sido em vão, a crítica desenvolvida por setores de esquerda não somente foi importante no que tinha a dizer, mas acabou se incorporando na visão sobre os efeitos dos meios e no papel da imprensa, penetrando até mesmo no senso comum. Dessa forma ela acaba servindo de parâmetro para a compreensão dos fenômenos de mediação tecnológica. Mesmo que não chegue a se impor como uma política pública, ela mostra outras dimensões do problema; tempera e regula a visão sobre o setor de comunicações na área de atuação do Estado. A formação desta sensibilidade não é pouca coisa e não deve ser desprezada, mesmo porque ela prepara e dá suporte ao combate para uma conscientização da importância e da necessidade de uma regulamentação para o setor.

Se for o caso de se falar em derrota, antes de

tudo devemos situá-la no plano teórico. Porque foi como área de estudo, como imobilidade teórica ou como cegueira epistemológica que várias décadas se passaram. Não exatamente por não ter havido, aqui e ali, desenvolvimentos importantes, mas porque a redução e identificação dos processos comunicacionais com a política nos privou de muitas coisas, tais como avaliações mais justas sobre a produção da área, o trabalho de sistematização das teorias, o incentivo à produção teórica e outros elementos importantes que certamente levariam a uma maior consolidação e fortalecimento da área.

No plano político, de outra parte, pouco se entendeu o papel do desenvolvimento teórico como apoio capital para o desenvolvimento da sensibilidade e conscientização sobre a ação atividade mediática. Diversas lutas sociais, como a luta antitabagismo, por exemplo, procuraram na ciência o instrumento para levar a cabo seus objetivos, enquanto que na área de comunicação social o caminho trilhado pela chamada escola latino-americana, entre outras, seguiu a linha de uma opção por começar “desmontando” a ciência. Não bastou se afastar do pensamento científico, o movimento crítico – e nisto a versão pós-moderna apenas dá continuidade às tendências iniciais – simplesmente identifica o pensamento científico com o capitalismo ou a dominação. A posição anti-teórica ganha um matiz mais radical e se desdobra na forma de uma negação do próprio pensamento científico, paradoxalmente exercida dentro do espaço acadêmico e com pouco apoio argumentativo.

Estamos convencidos de que o avanço no plano teórico passa pela reconsideração de certas premissas, tal como a interdisciplinaridade, que



vêm orientando boa parte do trabalho intelectual. Também a identificação *tout court* da comunicação com o Poder (por exemplo, Pasquali, 1990, p.23-24) se mostrou pouco operante e mesmo pouco válida, pois não permitiu uma análise mais ajustada aos desafios e demandas colocados pela nova arquitetura comunicacional. Talvez o afã de tentar entender a novidade tenha levado esses teóricos a identificá-la com processos já conhecidos, aplicando esquemas de luta e resistência política

desenvolvidos para outros objetos e em outras dimensões da realidade social. Mas é preciso tirar a lição e partir do começo, discutindo seriamente uma fundamentação apropriada.

É preciso ter claro que seremos cobrados não enquanto economistas, cientistas políticos ou sociólogos, mas como estudiosos da comunicação, e é nessa dimensão que devemos trabalhar e trazer nossa contribuição, a contribuição da perspectiva comunicacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELTRÁN, Luis Ramiro. Premisas, objetos y métodos foráneos en la Investigación sobre Comunicación en América Latina. *Communication Research and International Quarterly*, v. 3, n.2, abril, 1976. (vers. Cast. Revista Orbita, n.22, Caracas.). [Publicado em: Moragas Spá, Miquel. *Sociología de la comunicación de masas*. Tomo II. Barcelona: Gustavo Gilli, 1985.]

BERGER, Charles R. Porque existem tão poucas Teorias da Comunicação?: teorias da comunicação e outras curiosidades. In: MARTINO, Luiz C. (org.). *Teorias da Comunicação: Poucas ou Muitas?*. Ateliê: São Paulo, 2007.

BERGER, Christa. Crítica, Perplexa, de Intervenção e de Denúncia: a pesquisa já foi assim na América Latina. *Intexto*, n.6, 1999. Disponível em: <<http://www.intexto.ufrgs.br/v6n6/a-v6n6a3.htm>>. Acesso em: jun. 2006.

BERGER, Christa. A Pesquisa em Comunicação na América Latina. In: HOHLFELDT, A.; MARTINO, L.C.; FRANÇA, Vera V. *Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências*. Petrópolis: Vozes, 2001.

DUARTE, Gustavo A. León. Teorías e investigación de la Comunicación en América Latina: Situación actual. Disponível em: <<http://www.ull.es/publicaciones/latina/ambitos/7-8/arti02.htm>>. Acesso em: jun. 2006.

FUENTES NAVARRO, Raúl. La institucionalización académica de las ciencias de la comunicación: campos, disciplinas, profesiones” In: GALINDO CÁCERES, J.; LUNA, Carlos (coords.). *Campo académico de la comunicación: hacia una reconstrucción reflexiva*. México: Iteso / CONACULTA, 1995. p.45-77.

FUENTES NAVARRO, Raúl. Hacia una investigación postdisciplinaria de la comunicación. *Telos, Cuadernos de Comunicación, Tecnología y*

Sociedad, España, n.47, p.9-11, sep-nov, 1996.

FUENTES NAVARRO, Raúl. El Estudio de la Comunicación desde una Perspectiva Sociocultural en América Latina. *Diálogos de la Comunicación*, n. 32, mar, 1992.

FUENTES NAVARRO, Raúl. La Investigación de la Comunicación en América Latina: Condiciones y Perspectivas para el Siglo XXI. *Dialogos de la Comunicación*, n.57, 2005.

MACHADO, Juremir. Análise. In: WEBER, Maria Helena; BENTZ, Ione; HOHLFELDT, A. (orgs.). *Tensões e Objeto da Pesquisa em Comunicação*. Porto Alegre: Compós / Sulina, 2002.

MARQUES DE MELO, José. A Comunicação na Pedagogia de Paulo Freire. In MARQUES DE MELO, José; CASTELO BRANCO, Samantha (orgs.). *Pensamento Comunicacional Brasileiro: o grupo de São Bernardo*. São Bernardo do Campo: Editora da Umesp, 1999.

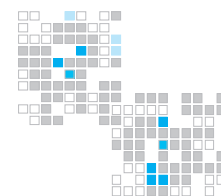
MARQUES DE MELO, José. Política, Dimensão Hegemônica no Pensamento Comunicacional Latino-Americano. *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, São Paulo, v.24, n.2, p.85-119, 2002.

MARTÍN SERRANO, Manuel. La epistemología de la comunicación a los cuarenta años de su nacimiento. *Revista Telos*, n. 22, p.65-75, jun-ago, 1990.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. De las Hegemonías a las Apropiaciones: formación del campo latinoamericano de estudios de comunicación. Disponível em: <http://mt.educarchile.cl/archives/barbero_hegemonias%25apropiaciones.pdf>. Acesso em: jun. 2006.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Comunicación fin de siglo. Disponível em: <<http://www.innovarium.com/http://www.innovarium.com/>>. Acesso em: jun. 2006.

MARTINO, Luiz C. (org.). *Teorias da Comunicação: Poucas ou Muitas?*. São Paulo: Ateliê, 2007.



MARTINO, Luiz C. Ceticismo e Inteligibilidade do Saber Comunicacional. *Ciberlegenda, revista eletrônica do PPG da Universidade Federal Fluminense*. Disponível em: <<http://www.uff.br/mescii/rep.htm>> [2001]. Acesso: jun. de 2006.

MARTINO, Luiz C. História e Identidade: apontamentos epistemológicos sobre a fundação e fundamentação do campo comunicacional. *E-COMPÓS (Revista da Associação Nacional dos Cursos de Pós-Graduação em Comunicação)*, n.1, dez, 2005. [Disponível em: www.compos.org.br].

MATTELART, Armand; NEVEU, Eric. La institucionalización de los estudios de la comunicación. Disponível em: <www.innovarium.com/Investigacion/Culturalstudies.htm>.

MORAGAS, Miguel de (ed.). *Sociología de la comunicación de masas*: I. escuelas y autores. Barcelona: Editorial G. Gili, 1985. [Para a presente versão, México (1993)].

MORAGAS, Miguel de. *Teorías de la Comunicación*: investigaciones sobre medios en América y Europa. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1985. [3ª edición (1981)].

PASQUALI, Antonio. *Compreender la comunicación*. Caracas: Monte Avila Ed., 1970. [4ª edición (1990)].

PASQUALI, Antonio. *El Orden Reina: escritos sobre comunicaciones*. Caracas: Monte Avila Editores, 1991.

PASQUALI, Antonio. *Sociologia e Comunicação*. Petrópolis: Vozes, 1973.

PINEDA DE ALCÁZAR, Migdalia. ¿Qué investigar hoy sobre comunicación en América Latina?. *Diálogos de la Comunicación*, n.62, p.77-83, jul, 2001. [em formato pdf; acesso em: jun. 2006].

PINEDA DE ALCÁZAR, Migdalia. Los Paradigmas de la Comunicación: Nuevos enfoques teóricos-metodológicos. Disponível em: <www.innovarium.com>. Acesso em: jun. 2006.

RONCAGLIOLO, Rafael. Investigación y políticas sobre Nuevas Tecnologías de Comunicación en América Latina: una reflexión personal. In: *Nuevas Tecnologías y Comunicación*: memorias del V encuentro de comunicación social. Bogota: Felafacs / Facom, 1986.

SANCHEZ RUIZ, Enrique. La Investigación Latino Americana de la Comunicación y su Entorno Social: Notas para una Agenda [Univ. de Guadalajara] Disponível em: <<http://www.caletasur.cl/biblioteca/docomundesarrollo/docomudesarro.htm>>.

SCHRAMM, Wilbur. *La Ciencia de la Comunicación Humana*. Quito: Ciespal, 1965.

